ISSN 2316-6576, DOI: 10.71101/RTP.v58.807

Universidade Aberta à Terceira Idade: um lugar de *holding* para a velhice

Pedro Vinicius de Souza Brito[*]
Marina Ferreira da Rosa Ribeiro[**]

Resumo

A longevidade é uma das principais vitórias que a humanidade alcançou. O fato de se viver mais tempo permitiu repensar diversas ideias sobre a velhice e o que representa essa fase da vida. Observando essas transformações, desde 1994 a Universidade de São Paulo(USP) oferece a oportunidade para pessoas com mais de 60 anos de participar de disciplinas dos cursos de graduação e atividades culturais em seus campi universitários. O presente trabalho discute os impactos na vida dos idosos que participam das atividades do programa. A hipótese é que o acolhimento ambiental proporcionado pelo programa desempenha um papel fundamental ao auxiliar os idosos a enfrentar os desafios impostos pela terceira idade. Utilizaremos o resultado das entrevistas com alguns participantes para escutar suas vivências e as experiências promovidas pelo programa, suas narrativas serão analisadas através da perspectiva psicanalítica baseada na obra de D. W. Winnicott. O resultado encontrado foi a importância do *holding* oferecido pelo programa para enfrentar muitas das questões envolvidas no envelhecimento, bem como para vitalizar uma fase da vida em que há muitas vozes que não respeitam e/ou aceitam a pessoa idosa.

Palavras-chave: Envelhecimento; Acolhimento; Holding; Psicanálise;

Open University for Third Age: a holding place for the elderly

Abstract

Longevity is one of the main victories that humanity has achieved. The fact of living longer allowed us to rethink different ideas about old age and

[*] Universidade de São Paulo - USP
[**] Universidade de São Paulo - USP

what this phase of life represents. Observing these transformations, since 1994 the University of São Paulo (USP) has offered the opportunity for people over 60 to participate in undergraduate courses and cultural activities on its university campuses. This paper discusses the impacts on the lives of the elderly who participate in the program's activities. The hypothesis is that the environmental reception provided by the program plays a fundamental role in helping the elderly to face the challenges imposed by old age. We used the results of interviews with some participants to listen to their experiences and the experiences promoted by the program. For this, we will analyze their narratives through a psychoanalyst perspective based on the work of D. W. Winnicott. The result found was the importance of the holding offered by the program to face many of the issues involved in aging, as well as to vitalize a phase of life in which there are many voices that do not respect and/or accept the elderly person.

Keywords: Aging; Help; Holding; Psychoanalysis.

Universidad Abierta para la Tercera Edad: un espacio de holding para las personas mayores

Resumen

La longevidad es una de las principales victorias que ha logrado la humanidad. El hecho de vivir más años nos permitió repensar distintas ideas sobre la vejez y lo que representa esta etapa de la vida. Observando esas transformaciones, desde 1994 la Universidad de São Paulo (USP) ofrece la oportunidad a personas mayores de 60 años de participar en cursos de graduación y actividades culturales en sus campus universitarios. Este artículo discute los impactos en la vida de los ancianos que participan en las actividades del programa. La hipótesis es que la acogida ambiental que brinda el programa juega un papel fundamental para ayudar a los adultos mayores a enfrentar los desafíos que impone la vejez. Utilizamos los resultados de las entrevistas con algunos participantes para escuchar sus experiencias y las experiencias promovidas por el programa. Para ello, analizaremos sus narrativas desde una perspectiva psicoanalista a partir de la obra de D. W. Winnicott. El resultado encontrado fue la importancia de la celebración que ofrece el programa para enfrentar muchas de las cuestiones involucradas en el envejecimiento, así como para vitalizar una etapa de la vida en la que hay muchas voces que no respetan y/o aceptan al anciano.

Palabras clave: Envejecimiento; Acogimiento; Holding; Psicoanálisis;

Introdução

Segundo o Relatório sobre o Contexto Sociodemográfico e Econômico do Envelhecimento na América Latina elaborado pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2023), a proporção da população acima de 60 anos na região não para de crescer. Porém, esse envelhecimento muda de pessoa para pessoa, não há um tipo único de pessoa velha. Inúmeras variáveis impactam esse processo; entre elas estão: a genética, gênero, etnia e o ambiente no qual essa pessoa vive. Outro ponto levantado pelo relatório é o senso comum de que conforme a idade avança, aumenta a dependência das pessoas. No entanto, o que se nota é que os mais jovens estão ficando cada vez mais dependentes da ajuda, não apenas financeira, mas também social dos mais velhos.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua do primeiro trimestre de 2023 apontou que o Brasil tem 19% da sua população formada por pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Esse número foi alcançado com o desenvolvimento das tecnologias de saúde, tanto no tratamento quanto na prevenção das doenças. Embora seja importante mencionar que ainda há muitas pessoas que não têm acesso a todos esses recursos mais modernos da medicina.

De acordo com o relatório de Projeção da População do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), em 2047 a população brasileira deixará de crescer quando a taxa de fecundidade será menor que a de mortalidade e para 2060 cerca de 25% da população brasileira será idosa. Entretanto, devido às suas disparidades sociais, o Brasil não apresenta o mesmo aparato institucional para suportar as demandas advindas de sua população que está ficando cada vez mais idosa. Embora existam várias leis relacionadas ao idoso, tais como a Política Nacional dos Idosos de 1994 e o Estatuto do Idoso em 2003, a implementação tem sido lenta e desigual no território. Por essa razão, os anos que os brasileiros passam a viver mais, muitas vezes, não são acompanhados de boa saúde e qualidade. Pois, para grande parte da população, o convívio com doenças crônicas, incapacidades físicas e baixos níveis de renda torna esse período muito doloroso (IBGE, 2018).

De fato, além de enfrentarem os desafios relacionados ao exercício de seus direitos, os idosos também são alvo de uma série de estigmas e preconceitos associados a essa fase da vida. De acordo com Reis Filho e Santos (2007), citando Mucida (2004), vive-se em uma sociedade que valoriza a juventude, a beleza e o novo, deixando pouco espaço para o reconhecimento e a valorização do idoso. Consequentemente, essa visão preconceituosa em relação à velhice pode levar os idosos a desenvolver uma maior incidência de comportamentos que reforçam a ideia trágica da velhice, como negligenciar seus cuidados, perder a vontade de realizar atividades e, assim, abrir espaço para o aparecimento de doenças (Mucida, 2010).

Essa perspectiva negativa e estigmatizada sobre a velhice pode ter sérias consequências para a saúde física e mental dos idosos, contribuindo para o agravamento de problemas e dificultando a busca por uma melhor qualidade de vida nessa fase. Portanto, é fundamental combater esses estigmas e promover uma visão mais positiva e inclusiva sobre o envelhecimento, valorizando a experiência e as contribuições dos idosos para a sociedade.

Dessa forma, é primordial oferecer ambientes acolhedores para as pessoas idosas de modo a favorecer o enfrentamento das questões colaterais do envelhecimento.

Holding

O conceito de holding foi concebido pelo pediatra e psicanalista britânico D. W. Winnicott e está originalmente vinculado ao papel de sustentação desempenhado pela mãe ou cuidador principal nos estágios iniciais de dependência do bebê. Neste trabalho, propomos utilizar essa noção como uma extensão teórica e uma hipótese interpretativa aplicável ao contexto institucional voltado à velhice. É fundamental explicitar que essa ampliação não estabelece uma equivalência direta entre a condição de dependência do bebê e as vivências da pessoa idosa, de modo a evitar qualquer efeito infantilizante. A velhice não implica, necessariamente, uma regressão às formas infantis de dependência. O emprego do termo holding atua aqui para ajudar a pensar de que maneira um programa institucional pode oferecer amparo, previsibilidade e acolhimento diante das perdas e dos novos arranjos de dependência — seja ela física,

funcional ou social — que atravessam essa etapa da vida. Dessa forma, Winnicott(1983) conceitua holding:

> O termo holding é utilizado aqui para significar não apenas o segurar físico de um lactente, mas também a provisão ambiental total anterior ao conceito de viver com. Em outras palavras se refere à relação espacial ou em três dimensões com o fator tempo gradualmente adicionado. (p. 44)

Estamos utilizando o conceito de holding para pensar a necessidade de um ambiente em que os idosos tenham uma estrutura que ajude a enfrentar as dificuldades dessa fase da vida. Embora, infelizmente, esses espaços não sejam facilmente encontrados na sociedade em que vivem. Como já apresentamos acima, as mudanças enfrentadas estão relacionadas às perdas que perpassam aqueles que sobrevivem, não apenas perdas de pessoas queridas, como também perdas simbólicas, como um trabalho, a força física e a cognição.

Nessa fase da vida, muitas vezes, está presente o sentimento de ódio ou frustração em relação às perdas e aos eventos inerentes ao envelhecimento, o que pode, por sua vez, despertar o sentimento de culpa. Para Winnicott (2021/1960), a culpa tem um papel importante na relação do sujeito com o ódio e a destrutividade. No contexto da velhice, essa 'culpa' costuma emergir quando o indivíduo se depara com novas necessidades de auxílio, percebendo-se frequentemente como um peso que a família tem de carregar. Contudo, é imprescindível qualificar essa experiência: o envelhecimento não implica um retorno direto às formas infantis de dependência psíquica (absoluta ou relativa) descritas pela teoria winnicottiana. O que ocorre na terceira idade é o aumento de vulnerabilidades que podem gerar dependência física, funcional ou social, o que não significa um apagamento da estruturação psíquica do sujeito adulto. A maneira como o idoso encara e elabora essa nova necessidade de amparo está intimamente relacionada ao seu processo contínuo de amadurecimento e à capacidade, constituída desde a infância, de tolerar e conviver com as transformações impostas pela realidade objetiva.

Dentro desse contexto, Winnicott (2021/1960) explica a importância da responsabilidade do ser dentro desse processo de raiva e frustração como uma manifestação da sua saúde, ou seja, do seu processo de

integração. Portanto, passar por esses sentimentos seria muito mais seguro se essa pessoa idosa tivesse um ambiente acolhedor que entendesse e reconhecesse a sua dor.

Ao observarmos a primeira infância, percebemos que a criança desenvolve uma compreensão do "sim" que inclui noções do "não", um paradoxo no processo de se aproximar da realidade objetiva. As frustrações vivenciadas nesse processo contribuem para a formação da capacidade de experimentar ódio. Além disso, as experiências com objetos externos, percebidos como algo separado de si, ajudam a construir a realidade objetiva ao seu redor. Ao pensarmos no envelhecimento, é relevante destacar a importância do ódio para enfrentar as mudanças inerentes a essa fase da vida e a aceitação da morte como parte final do ciclo (Winnicott, 1983).

O ódio torna-se mais evidente diante das perdas que ocorrem durante essa fase, seja da mobilidade física que antes existia, seja da morte de entes queridos ou pessoas próximas. Assim como o bebê necessita de provisão ambiental para lidar com momentos de agressividade, na velhice também é importante fornecer sustentação diante das mudanças que ocorrem na vida. Para Winnicott, sempre há uma destruição que precede a chegada de um novo princípio de realidade, o qual tem a função de criar uma nova realidade, um novo viver por meio da sobrevivência do objeto, do outro, do ambiente ao ato de destruir (Dias, 2000). Dessa forma, é a capacidade construtiva de um indivíduo que permite experimentar e vivenciar a destrutividade, com atos reparadores que permitem a tolerância à destrutividade inerente à natureza (Dias, 2000) e dessa forma viver a realidade objetiva na qual está inserido.

Por essa razão, destaca-se a importância de construir ambientes de acolhimento como o caso das Universidades Abertas para a Terceira Idade.

História da Universidade Aberta para a Terceira Idade

O primeiro programa de Universidade para a Terceira Idade foi criado em 1972, na região de Toulouse na França. De início era um curso oferecido como uma extensão cultural que estava focado no grupo idoso. Em 1975 foi criada a Associação Internacional das Universidades Aberta

aos Idosos, Association lnternationale des Universités du Troisiéme Age (AIUTA) com sede na Bélgica (Loures & Alencar, 2005). Traçando uma linha do tempo sobre o desenvolvimento das Universidades da Terceira Idade (UNIATI), Lemieux (1990) explica que nos anos 60 já existiam algumas faculdades que ofereciam cursos aos idosos, porém foi com o passar dos anos que o modelo se consolidou. Nos anos 70, as universidades começaram a oferecer cursos que incentivavam os idosos a participarem de programas de intervenção na sociedade. Na década de 80, como os idosos se aposentavam relativamente cedo, as universidades se prepararam para recepcionar esses idosos. E foi nos anos 90, que ficou claro a necessidade de incluir os idosos na universidade sob uma perspectiva intergeracional.

Na América Latina, o primeiro programa de acesso aos idosos para universidade foi na Argentina em 1980 na Universidade Entre Rios. No Brasil, o pioneirismo em cursos voltados para os idosos aconteceu em 1963, quando o Serviço Social do Comércio (SESC) convidou seus associados idosos para formarem grupos de convivência. A primeira universidade brasileira que abriu as portas para os idosos foi a Universidade Federal de Santa Catarina, que em 1982 criou o Núcleo de Estudos da Terceira Idade, com uma série de atividades voltadas para os idosos (Loures, Gomes & Alencar, 2005).

Programa USP60+

A iniciativa para inserir os idosos no ambiente acadêmico na Universidade de São Paulo começou em 1994, com os esforços de Ecléa Bosi. Ela foi professora do departamento de Psicologia Social da USP e a idealizadora do programa Universidade Aberta para os Idosos na USP. A defesa pela luta em relação aos direitos dos idosos faz parte de todo seu trabalho. Em uma de suas mais importantes obras, o livro Memória e Sociedade: Lembrança dos velhos, publicado inicialmente em 1974, é a defesa majestosa da importância da narrativa dos velhos e o aprendizado para os "não-velhos". Como explica Oliveira (2005), Ecléa, ao configurar o programa fez questão de que ele fosse inclusivo, ou seja, que os idosos não ficassem segregados e que entrassem nas turmas regulares junto com

os alunos de graduação. O autor acrescenta um importante ponto sobre o encontro intergeracional:

> *A peculiaridade no acolhimento dos mais velhos propicia espaço para um interessante diálogo entre gerações, cada qual se assumindo como diferente, mas convergindo na busca por pontos de identidade e por melhor entendimento dos conflitos e divergências"* (p. 212).

Os professores eram convidados a oferecer a oportunidade de que suas disciplinas fossem frequentadas por pessoas a partir dos 60 anos. O programa que hoje se chama USP 60+, ampliou a oferta de disciplinas, além de incluir atividades físicas, concursos culturais e oficinas de capacitação. O programa tem como seus norteadores: a abertura mais ampla possível, a convivência entre as gerações e a oferta gratuita de cursos.

Dentro desse contexto, o papel da educação passa a ser visto como um veículo que permite aos idosos desenvolver o autoconhecimento e melhorar sua esperança em relação ao que a vida lhe pode proporcionar. Os idosos se atualizam em relação a seus conhecimentos, podem ingressar em assuntos que são suas paixões, mas cujo estudo não havia sido possível anteriormente, além de aumentar a oportunidade de socialização dos idosos.

Mesmo na pandemia da Covid-19 o programa continuou suas atividades adaptadas ao mundo virtual, uma das estratégias foi ampliar o seu Guia Cultural, que ganhou mais conteúdo durante a pandemia, pois trazia uma série de passeios que podiam ser feitos de maneira virtual. Também há indicações de peças online, filmes e livros, permitindo que os idosos pudessem ter opções de atividades durante esse período.

Além disso, o programa também incentiva a atividade dos idosos através de concursos culturais de fotos, histórias e vídeos, tudo para ajudar os idosos a se engajarem socialmente e quem sabe despertar um talento que por muito tempo não foi possível de ser realizado, há inúmeros casos de participantes que a partir da elaboração do texto para participar de um concurso, tiveram toda a sua história resgatada.

Outro ponto do programa já mencionado é o encontro intergeracional. Pois, mecanismos para aproximar mais as gerações são essenciais para criar uma sociedade que seja boa para todas as idades. Além disso, é apenas com a interação entre esses grupos que muitos dos preconceitos podem ser

combatidos e questionados. Esses programas unem os desejos de ambas as gerações para ocasionar o entusiasmo em participar dessas iniciativas. De acordo com Tarallo, Neri e Cachioni (2017), no caso da educação, os ganhos são mútuos, os jovens diminuem a evasão escolar e melhoram suas técnicas acadêmicas e o convívio social. Os idosos melhoram sua saúde mental e física, além de propiciar atividades que evitam o isolamento e a solidão.

Também podemos perceber o quanto o programa está sendo valioso como uma possibilidade para os universitários se aproximarem de outras realidades, bem como abrir os ouvidos para as narrativas dos idosos que muitas vezes estão próximos fisicamente, mas longe da atenção dos mais jovens. Essa troca também pode gerar a construção de relações que fortalecerão o envelhecimento de uma forma construtiva e criativa.

O retorno ao ambiente de aprendizado, enquanto espaço de descoberta e convivência, levanta a hipótese de um possível fortalecimento do verdadeiro *self*. Ao longo da vida, a construção do falso *self* ocorre, muitas vezes, através do exercício rígido de papéis sociais e das exigências do cotidiano. De acordo com Winnicott (1983), a submissão a demandas externas atua na construção do falso *self*, que se desenvolve como uma função defensiva e protetora do *self* verdadeiro. Dessa forma, podemos pensar que a simples inserção dos idosos nesse ambiente de aprendizagem não se traduz, isoladamente e de forma automática, em uma demonstração do verdadeiro *self*. No entanto, quando as narrativas empíricas revelam que esse espaço permite o resgate de antigos interesses, a expressão de desejos pessoais e um convívio livre de cobranças produtivas, torna-se possível interpretar que esses sujeitos encontraram um ambiente suficientemente bom para expressar sua espontaneidade. Como explica Fulgencio (2016):

> O verdadeiro *self* seria a expressão espontânea do indivíduo a partir de si mesmo; ou seja, uma ação que ocorre como expressão e existência do si-mesmo que se afirma na linha da continuidade de ser, por oposição às ações reativas (às falhas ambientais que puxam ou empurram o indivíduo ou, ainda, que não estão presentes para sustentar o indivíduo) (p. 46, grifo do original).

É fundamental existir um ambiente que auxilie no envelhecimento, uma fase da vida na qual a fragilidade diante das perdas inerentes

à idade vai adentrando o viver. Dessa forma, os desafios presentes na participação do programa USP 60 marcam o EU SOU. Além de auxiliarem no processo de maturação do ser. Para Winnicott (1983): "O termo 'processo de maturação' se refere à evolução do ego do self, inclui a história completa do id, dos instintos e vicissitudes, e das defesas do ego relativas ao instinto" (p. 81). A velhice, etapa final da vida, pode trazer experiência de integração, resultado de toda a história de um ser que enfrentou a destrutividade inerente ao processo de viver.

Com isso, é primordial pensar na importância de ambientes que sustentam a velhice, dentro da perspectiva winnicottiana de holding. Estamos pensando esse conceito em uma perspectiva de um ambiente não apenas acolhedor, mas que contribui para o crescimento do idoso e o fortalecimento do verdadeiro self. Somado à importância da socialização, pois como explica Winnicott (1983) "a maturidade do ser não está restrita ao crescimento pessoal, mas também à socialização, nesta situação o adulto consegue se identificar com a sociedade, assumindo responsabilidade para a conservação ou pela transformação da sociedade em que vive". E justamente esse ponto de "fazer parte" é defendido pelo programa ao incluir os idosos em cursos da graduação, por exemplo, permitindo que haja a troca e o fortalecimento da ideia de pertencer a uma comunidade. Ademais, o ambiente de suporte que o programa oferece permite desenvolver a capacidade de não negar a destrutividade, mas a oportunidade para desenvolver uma atividade criativa, construir, brincar para continuar seu processo em busca de um desenvolvimento saudável. Como afirma Winnicott (2021/1960), "é na reparação de alguém, que essa pessoa está construindo uma força pessoal que lhe permite tolerar a destrutividade pertencente à sua natureza"(p.103). Portanto, um ambiente que forneça suporte para enfrentar as questões da velhice auxilia no processo de amadurecimento.

Análise das entrevistas

Para fazer a análise das entrevistas, além de analisarmos à luz da teoria psicanalítica de Winnicott, utilizaremos dois conceitos importantes. O primeiro vem de Rubio (2014) sobre narrativas biográficas:

> Essa construção considera os dados relevantes da trajetória do narrador dando uma ideia do que foi sua vida e do que ele mesmo é nesse momento. Essa atitude reflexiva permite a reexperimentação de situações passadas não apenas do ponto de vista do desenrolar dos fatos, mas pela ressignificação de episódios marcantes para o narrador, que se permite inverter (ou subverter) a narrativa obedecendo a uma cronologia própria da afetividade implicada no evento ocorrido, dando ao seu texto um contexto. (p. 112)

Através dessa forma de análise, permitimos que os colaboradores naveguem por sua história de maneira livre, estabelecendo relações que surgem no próprio ato de buscar os acontecimentos na memória, dando um significado para aquilo que viveram e que vivem no presente. Nessa metodologia não há roteiro rígido; as perguntas são elaboradas de acordo com o fluxo da conversa, favorecendo uma fala mais espontânea. Contudo, é fundamental diferenciar essa modalidade de entrevista narrativa da associação livre típica da situação analítica. Embora a ausência de roteiro permita que o colaborador fale livremente e acesse conteúdos afetivos de forma não linear, a entrevista de pesquisa não reproduz as condições técnicas da clínica psicanalítica, pois não pressupõe o enquadre analítico estrito, o manejo da transferência ou a posição de escuta clínica flutuante. O pesquisador atua auxiliando o narrador em seu processo de elaboração discursiva, sem, contudo, operar como um analista em sessão.

O segundo conceito que utilizaremos será o de contos biográficos de acordo com Veloso (2022):

> Ao compartilhar sua história de vida, na forma de narrativa autobiográfica, o narrador expõe seus quinhões mais íntimos, possibilitando a feitura desse trabalho a recriação, ou interpretação, de uma memória que é também poética, quando da criação na ação de ressignificação e acareação entre sua trajetividade e as narrações dos mitos do mundo (p. 42).

Essa criação e recriação das histórias será explorada com o objetivo de relatar a trajetória dos colaboradores por meio de um conto biográfico. Por meio dessa ferramenta, é possível elaborar uma imagem narrativa daquilo que se escutou durante a entrevista. Se, por um lado, o conto busca evidenciar a resiliência dos colaboradores que, diante das adversidades do tempo, tornaram-se 'veteranos' ou 'vitoriosos sobre a vida', é essencial explicitar o estatuto metodológico dessa construção literária. A adoção dessa

moldura não operou como uma categoria prévia destinada a forjar uma narrativa de superação inquestionável, o que correria o risco de silenciar os aspectos difíceis do envelhecimento. Para garantir que a interpretação não precedesse os dados, adotou-se o cuidado metodológico de manter a escrita rigorosamente ancorada no material empírico, preservando as ambivalências, os conflitos e as experiências negativas presentes nas entrevistas. Dessa forma, ser 'vitorioso sobre a vida' não é entendido aqui como a ausência de sofrimento, mas como a capacidade de sobreviver e integrar essas tensões e limites ao longo do processo, evitando que a construção do conto reduzisse a complexidade real das vivências relatadas a um viés meramente confirmatório ou celebratório.

Dentro desse contexto, discutiremos a fala de três colaboradores participantes do programa USP60+. Os critérios de inclusão exigiam que os idosos estivessem ativamente matriculados no programa e demonstrassem disponibilidade para compartilhar suas trajetórias de vida, não havendo critérios rígidos de exclusão além da recusa em participar. Os participantes foram selecionados por conveniência e o convite ocorreu de forma verbal e presencial durante os intervalos das aulas.

As entrevistas foram presenciais e ocorreram em locais onde os participantes se sentiam mais à vontade para conversar, após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os encontros tiveram duração média de uma hora a uma hora e meia e foram registrados em áudio, sendo posteriormente transcritos na íntegra.

Utilizaremos as metodologias apresentadas acima de narrativas biográficas e contos biográficos para relatar suas vidas e experiências no programa USP60+. O procedimento analítico adotado percorreu três etapas: o levantamento do relato bruto transcrito, a organização desse material em um conto biográfico e, por fim, a construção da interpretação psicanalítica.

Apresentaremos fragmentos das entrevistas que serão analisados pela perspectiva da teoria de Winnicott sobre desenvolvimento maturacional para compreender o amadurecimento que atravessa a vida dos colaboradores. Considerando o tamanho reduzido da amostra (três participantes), assumimos explicitamente o caráter qualitativo e exploratório deste estudo. Os resultados aqui discutidos buscam levantar hipóteses interpretativas sobre a importância de ambientes de sustentação

para a velhice, e não autorizam generalizações universais sobre os efeitos do programa para a totalidade da população idosa.

O processo de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo com número de parecer 6.046.892, seguindo todos os padrões e direcionamentos contidos na Resolução n.º 466/2012.

Para preservar a identidade e o sigilo dos participantes de forma rigorosa, adotou-se o uso de pseudônimos. Além disso, a anonimização foi estendida aos contos biográficos: informações cruzadas que pudessem facilitar a reidentificação — como cidades exatas de origem, tempo preciso de atuação profissional, tempo de participação no programa e particularidades exclusivas de projetos pessoais — foram generalizadas, suprimidas ou alteradas. Esse procedimento garante que a combinação de detalhes não exponha os sujeitos, mantendo na narrativa literária apenas os elementos biográficos que são estritamente indispensáveis para a compreensão e a análise psicanalítica do material empírico.

Colaboradora 1: Luciana: abraçando os problemas

Desde pequena já assumia o posto de professora. Na cidade do interior de Minas Gerais cresceu. Sempre com o giz na mão e como as paredes tiveram que escutar. No entanto, primeiro buscou ser psicóloga, mas na cidade não tinha esse curso. A resolução foi fazer pedagogia. Interessante como a vida parece ter a sua própria forma de agir, pois foi a impossibilidade de exercer a *psicologia* que chegou na *pedagogia*, seu mote de vida. Quando procuramos a etimologia dessas duas palavras, encontramos que psicologia vem das palavras gregas *psyché* (alma, espírito) e *logus* (estudo), pedagogia vem das palavras gregas, *paidós* (criança) e *agodé* (condução) resultaria naquela pessoa que conduz a criança no ensino. E foi isso que Luciana passou a fazer, conduzir as crianças ao ensino, principalmente aquelas que eram intituladas "problema", entendendo que a solução para essa condução era enxergar aquela criança como um ser único e não mais uma entre várias, somando a participação dos pais, escola, amigos e colegas para que juntos acreditassem que podem contribuir para criar um ambiente que respeite a criança e suas características individuais.

Ficou 23 anos trabalhando em uma escola como orientadora educacional e pedagógica e saiu quando a escola parou de ajudar os alunos e passou a lucrar sobre eles. A saída não foi fácil, várias questões passaram na sua cabeça, foi quando teve que voltar a sua atenção para ela mesma, pois ela tinha se tornado o problema que precisaria resolver. Na época, era arredia ao esporte. Foi então que começou a procurar uma atividade física, ainda com medo, receio por conta da idade. Encontrou o programa da USP voltado para os exercícios com os idosos. No começo ela encontrou muitas dificuldades, pois o físico não tinha acompanhado a parte intelectual. O que foi fundamental para permanecer nessas atividades foi a convivência que ela encontrou no grupo. Ela estava procurando algo para trabalhar o corpo, mas a socialização com outros grupos sociais, longe de pais, professores, alunos, os quais ela já estava acostumada, foi muito enriquecedor. Encontrou uma nova forma de se relacionar e de viver.

Hoje sabe que o que buscava era estar no meio das pessoas sem ter uma obrigação, podendo ser ela mesma, não tendo que seguir regras sem sentido ou perseguindo metas. Não é surpresa que já está há 15 anos no programa e desde o primeiro momento se sentiu acolhida e convida familiares e amigos a também participar. Mas não a chamem de Dona Luciana, ou utilizem o pronome de tratamento senhora, pois ela não se vê assim. Aliás, adora quando dizem que ela é mais nova do que a sua idade.

Com as energias recarregadas, voltou o prazer em viver. Após a força vinda das atividades físicas começou a se dedicar para novos alunos, conduziria pelas suas regras o trabalho. Porém, com a pandemia, os encontros com seus alunos passaram para o virtual, o que acabou prejudicando bastante a interação com as crianças.

Mas não parou, algo dentro dela queria mais e encontrou na educação de adultos inspiração para trazer tudo que aprendeu e oferecer para eles. Através de um programa social, ela ensina adultos em situação vulnerável a ler e a escrever. Esse projeto já tem 7 anos e marca também uma passagem de conhecimento, pois aquilo que recebe de aprendizado nas aulas do programa USP60+ leva para seus alunos, fazendo as adaptações necessárias. Inclusive a professora do programa já até ofereceu para emprestar alguns materiais para que a Luciana pudesse trabalhar com seus alunos, como

também outras colegas ao saberem do seu trabalho voluntário, já se disponibilizaram para participar. Luciana é prova de uma das frases mais importantes de Paulo Freire: "Me movo como educador, porque, primeiro me movo como gente", sua vida reflete seu movimento pela educação seja com as crianças ou com adultos, para ela "ensinar preenche a alma" e permite oferecer para o próximo o que melhor temos em nós.

Através do conto de Luciana percebemos o quanto é importante encontrar um ambiente acolhedor com pessoas que se identificam e se ajudam mutuamente. Principalmente, em momentos difíceis nos quais as pessoas com a mesma experiência conseguem construir uma relação de empatia e convívio. Destacamos no conto apenas partes da entrevista cedida a fim de evidenciar a importância de permitir o relato da memória de forma livre e autêntica. A seguir, trazemos trechos da entrevista para refletirmos:

> *"A grande questão é a convivência que o trabalho desenvolve"*
>
> *"Lá eu encontrei acolhimento, paralelo às atividades, o grupo bem unido e harmônico, terminava a aula tinha uma lanchonete lá dentro, tomava um cafezinho e dali foi aumentando o contato com as pessoas. Hoje estou lá há 15 anos"*
>
> *"Todo final de semestre o grupo se reúne em um lugar, os vínculos vão aumentando"*
>
> *"Eu volto para casa revigorada"*

Nos trechos da entrevista com Luciana, notamos menções à importância do programa no que diz respeito ao bem-estar da participante. Na primeira frase, Luciana sintetiza a importância do 'con-viver', do viver junto, experienciar com outras pessoas que entendem o que se está passando. Nesses encontros, não há preconceito entre iguais; emergem a ajuda e conversas que permitem enfrentar os desafios impostos pela idade. É a partir desse suporte que o verdadeiro self parece encontrar um ambiente favorável para ganhar cada vez mais força. No caso de Luciana, foi a partir da sustentação alcançada no programa que ela retomou e aprimorou a forma como exercia sua profissão, agindo de maneira cada vez mais autêntica.

Em seguida, vemos o destaque para o acolhimento e o contato humano. É fundamental um ambiente que ofereça amparo e permita estabelecer novos vínculos sociais, o que se mostrou especialmente importante no momento em que Luciana se viu sem perspectivas, distante do trabalho que exerceu por anos. Não há dúvida de que as atividades formais são importantes, mas o 'cafezinho' no final da aula revela-se como um momento crucial para fortalecer relações. A partir de seu relato, levantamos a hipótese de que o cafezinho atua como um espaço transicional (Winnicott, 1975). Essa leitura não se dá simplesmente por ser um espaço de convivência informal, mas porque as características narradas por Luciana — a ausência de 'regras sem sentido' ou 'metas' produtivas e a liberdade para 'ser ela mesma' — remetem a uma área intermediária de experiência. Configura-se, assim, um espaço de repouso das exigências rígidas da realidade externa, onde a confiança mútua permite o livre trânsito entre a subjetividade e a realidade compartilhada.

A força dessa identificação pode ser observada nas celebrações que ocorrem a cada final de semestre, simbolizando a capacidade de o grupo ter sustentado em conjunto as questões inerentes a essa fase da vida. O último trecho celebra, portanto, a capacidade de o ambiente do programa ser uma fonte de energia e vitalidade para que os participantes prossigam na caminhada de seus desejos.

Colaboradora 2: Vilma: A sonhadora realista

Desde muito cedo a palavra trabalho já entrou na vida de Vilma. E continua assim até os dias de hoje. A aposentadoria já chegou, mas ela não quer ir para o aposento. No último trabalho ficou por mais de 20 anos e de lá tirou uma das lições que até hoje carrega: nunca deixe de sonhar. E sobre sonhos ela tem vários, fã de música clássica tem imensa vontade de ir para a Áustria assistir a um concerto em Salzburgo, porém enquanto não consegue realizar esse sonho, vai realizando pequenos sonhos que adéquam ao seu orçamento.

Quem encontra Vilma sorridente não imagina as dificuldades que ela passou, a principal delas foi o falecimento do seu marido. Ao lembrar do episódio há um momento de silêncio, no qual escutamos toda a

movimentação do lado de fora da sala da entrevista, depois de um tempo continua a contar. Viveu o luto da forma que encontrou, pensativa e introspectiva, até que em dado momento sentiu novamente a força na garganta e anunciou que viajaria com uma amiga, não foi para a Áustria, mas trouxe novamente para Vilma a capacidade de sonhar.

A partir de então, não há um desafio que colocam para ela que não encare. Uma colega comentou de um grupo de idosos se reúnem para discutir os filmes. Em poucos meses de participação, Vilma é convidada para liderar o grupo, não apenas pela sua capacidade de se articular, mas também por saber ouvir as pessoas. Já está nesse projeto há mais de oito anos e através dele descobriu uma nova função: jornalista. Aliás é assim que muitas pessoas a titulam, pois ela escreve resenha de filmes, é convidada para participar de festivais, até mesmo no dia da entrevista, uma das pessoas que a encontrou disse que ela era jornalista, sua resposta é muito curiosa "eu estou jornalista".

Fez vários cursos sobre escrita. Entretanto, seus talentos não se limitam apenas a escrita, ela também participou de um projeto de uma rádio novela. Ao relembrar desse momento parece que ela voltou a sua época de infância quando escutava os romances no rádio, agora era ela quem dava voz aos personagens. Nesse momento as linhas do tempo se confundem, não há uma diferença clara entre passado e presente, pois as emoções antigas se afloram como novas. Ela ressalta a importância desse momento em sua vida, pois era algo que ela nunca tinha feito e se propôs a fazer ficando muito contente com o resultado.

Mediante a sua capacidade de escrita, foi convidada a participar do concurso literário do USP60+. Neste concurso, os participantes são convidados a escreverem um texto sobre sua vida ou outro assunto que queiram abordar. Nesse momento, ela retira o texto de um caderno para que possa ser lido, no entanto não tem certeza se quer ouvir os comentários naquele momento. Por instantes, deixa transparecer que por trás dessa imagem sólida, tem uma pessoa com sentimentos e que não quer ouvir desagrados sobre seu texto. No entanto, a maturidade aparece ao rebater quaisquer críticas e defender a importância de tê-lo criado. Apesar de muitas pessoas insistirem para que ela colocasse mais informações em sua obra, para ela já estava acabada, não havia mais nada que devesse ser

acrescentado. Reafirma a importância de não valorizar o que os outros pensam sobre o que você faz e sim o que você pensa sobre as suas ações.

A maneira como encara as coisas foi resumida por ela mesma em uma frase de Mahatma Gandhi "Viva como se fosse morrer amanhã. Aprenda como se fosse viver para sempre", na sua explicação seria, não gaste toda a sua energia como se hoje fosse o último dia, mas não deixe de fazer aquilo que gosta. Vilma se despede com um afetuoso abraço e com um sorriso que representa o quanto precisamos nos manter sonhadores e esperançosos com a vida e o que ela tem para nos proporcionar inclusive na terceira idade.

Apresentamos fragmentos da entrevista de forma a discutir e acrescentar situações ao conto apresentado.

> "Participar dessas oficinas de escrita estimula a nossa memória, resgate da nossa memória, é muito saboroso, você volta lá vê que passou por tanta coisa e nem lembrava mais e você consegue colocar no papel algumas coisas eu me senti muito feliz fazendo esse trabalho"
>
> "para a terceira idade se envolver em projetos dessa natureza é enriquecedor e dá uma segurança para enfrentar esse pensamento de que idoso não serve para mais nada"
>
> "cada um vai contando a sua experiência e assim vamos conhecendo a vida de cada uma e também ajuda em uma memória coletiva, pois somos da mesma geração"
>
> "na produção do texto para o concurso me senti orgulhosa, assim, eu não escrevo, não sou uma escritora nata, não é uma coisa que flui, eu tenho que fazer uma pesquisa, tenho que ver o assunto, me convidaram para ir, mas eu? Comecei a vivenciar de onde eu vim, aonde eu cheguei com meus textos, para mim é um prêmio, nunca pensei que desenvolveria algo nesse sentido"
>
> "na hora de decidir em participar, pensei quer saber vou participar não tenho nada a perder"

Os primeiros pontos discutidos nas falas de Vilma dizem respeito à memória. Em primeiro lugar, destaca-se a oportunidade de rever vários eventos que aconteceram no decorrer da vida e que, de alguma forma,

foram esquecidos ou apagados. A maneira pela qual o passado ressurge evidencia uma vida cheia de experiências, tanto boas quanto ruins, cujo conjunto formou a sua trajetória. O resgate dessas lembranças junto aos pares evoca a noção de memória coletiva. Apoiando-nos nas reflexões de Ecléa Bosi — já introduzidas na fundamentação deste trabalho —, compreendemos a memória coletiva como a base social que sustenta, acolhe e dá sentido à lembrança individual. Nesse processo, a narrativa biográfica de uma pessoa colabora com sua perspectiva sem invalidar a de outras, ou seja, acrescentando novos elementos à descrição de uma época e conectando as memórias daqueles que compartilham a mesma geração.

Articulando essa dinâmica à teoria winnicottiana, podemos pensar que o grupo atua como um ambiente facilitador que favorece a troca e a identificação. Isso fica evidente na fala de Vilma: se em outros contextos as pessoas idosas perdem o seu lugar de fala, pertencer a esse programa proporciona um espaço seguro para se expressar e ser ouvida. A produção do texto para o concurso literário é a materialização desse esforço e do resgate da memória, permitindo que Vilma perceba de onde veio e como se vê no presente. Esse resgate, amparado pela rede coletiva, pode ser lido como uma expressão da criatividade (Winnicott, 1975). Trata-se de uma forma de se comunicar ativamente com a realidade externa, dando vazão, por meio da escrita no papel, às questões guardadas em sua memória. Embora houvesse dúvida inicial sobre a participação no concurso, a via desafiadora reafirmou sua capacidade de autoria e o orgulho de ler sua própria história, permitindo-lhe integrar e reconhecer tudo aquilo que viveu.

Colaborador 3: Hugo: a busca pelo conhecimento

A curiosidade do funcionamento das coisas da vida sempre fez Hugo estudar. Talvez pareça muito genérica a expressão coisas da vida, mas a intenção é evidenciar que não se trata apenas de aparelhos eletrônicos, como também da organização das pessoas em sociedade. Para ele, não se inquietava em apenas receber como resposta: Porque sim Hugo! Eram essas palavras que o deixavam mais intrigado e querendo saber mais. Sua formação foi de engenheiro, indústria que na época recebeu fortes investimentos do governo na perspectiva de avançar o país.

Em sua área de trabalho era preciso ser muito atento quanto à composição dos minérios, saber identificar e analisar a quantidade de carbono que tem no minério para que no lugar de produzir alumínio não se produza ferro-gusa. A minuciosidade que deveria entender o que forma cada material mostra a vontade de compreender as partes que formam o todo. O objetivo era sempre buscar melhorar o processo trazendo eficácia e desenvolvimento. Mas ele não ficou apenas nesse campo, todos os cursos promovidos pela empresa ele participava. Em uma oportunidade participou de um curso sobre ergonomia na década de 80 e seu projeto de conclusão de curso foi até premiado, o que prova a versatilidade e a dedicação de Hugo nas atividades para as quais se dedica.

Durante a conversa explica que por ser uma pessoa de exatas precisava ter mais ou menos definido o que aconteceria, para sua surpresa foi informado que não tinha roteiro para ser seguido. Provavelmente, essa liberdade permitiu que navegasse em sua história sem seguir uma linha do tempo, sendo direcionado conforme as memórias vinham em sua mente. Saltamos da sua formação e vida no trabalho até sua aposentadoria. Aparentemente não fala de uma ruptura que significou a aposentadoria, na verdade ela permitiu que ele se dedicasse ainda mais para conhecer novos assuntos. No ano de 2018, foi a primeira vez que ouviu falar de um programa que os idosos poderiam estudar na USP, o que para ele significou a continuidade de um processo de vida que sempre teve.

Os primeiros cursos escolhidos foram da Faculdade de Direito, as razões para essa escolha podem ser explicadas pelo fato de uma de suas filhas ter cursado direito e o momento de questionamentos constitucionais pelo qual o país passava. O encontro com os alunos de graduação foi muito saudável e permitiu que Hugo se atualizasse da forma que os mais jovens estão discutindo as questões políticas. Depois foi fazer anatomia, tem uma filha que está se formando em medicina e um dos últimos foi um curso de astronomia [acredite, não tem uma filha que faz o curso] e ficou maravilhado com a imensidão do espaço que nos cerca.

Entretanto, também há reclamações. Antes de enunciá-las vamos pensar o que poderia ser. Estamos falando de uma pessoa que ama aprender coisas novas, que está engajado em uma série de cursos dos mais variados temas, além daqueles que sua família tem contato, superconectado com as

atividades do programa... Não é surpresa que questiona o fato de sempre estar disponível os mesmos cursos, não há novidades, novos temas para que ele pudesse aprender. Hugo segue reabastecendo a sua energia através da ampliação do conhecimento nas mais diversas áreas, sendo curioso e questionador, permitindo nessa fase de sua vida ser tão descobridor como sempre foi.

Selecionamos trechos das falas de Hugo para nos aprofundarmos em algumas temáticas.

> *"O assunto do curso da Faculdade de Direito, eu não posso negar, eu tenho uma vivência de boa parte daquilo que se falou. Como que nós chegamos hoje eu vivi, a gente viveu aquilo, eu participei de um trabalho em conjunto com o pessoal, os alunos. A professora deu um paper, eles leram eu também li, naquilo que eu consegui entender, e a gente debateu, eu ficava mais olhando o debate mas eu dava os meus palpites, mas eles me permitiram que lesse, comentasse, perguntasse, ali junto com os graduandos, isso é interessante, eu achei interessante."*
>
> *"A gente tinha um grupo de três pessoas ou quatro, principalmente quando o curso era na parte da manhã, da 7 até quase 10 horas, saia e tomava um café no Largo do São Francisco"*
>
> *"Eu notava que se sentia um conforto nas pessoas em estar junto com aquele grupo, uma de ouvir aquilo que o professor e a professora estava expondo, o grupo dos mais 60 participava, trazia argumentos"*
>
> *"Houve a interação, os assuntos vistos era algo que a gente sabe de vivência de se escutar o rádio, antigamente não ficava somente nos 140 caracteres, então você ouvia ou conversava, se discutia lá atrás. Vendo alguma coisa que você já sabe ou já escutou. Mas é bom compartilhar com os jovens. É bom conviver com a juventude eu gosto".*
>
> *"No ambiente tinha acolhimento tanto do professor como dos alunos e eles explicavam logo no começo das aulas, vocês estão vendo ai na sala o pessoal de cabeça branca? É um programa que existe na Universidade de São Paulo, de trazer a coletividade externa para dentro do campus para que saibam o que está acontecendo aqui com vocês. Recepcionem eles e eles também vão participar de todas as atividades só não vão fazer prova, mas eles têm conhecimento, têm vivência".*

No primeiro trecho selecionado da fala de Hugo, notamos a importância do resgate da história vivida. Aquilo que os alunos de graduação estão aprendendo por meio dos livros, os idosos já experienciaram na prática, pois acompanharam grande parte do processo de desenvolvimento político, social e econômico do Brasil. Ao abordar as questões da democracia, Winnicott (2021/1950) não a compreende como um sistema mantido por pessoas que 'completaram' de forma definitiva o seu amadurecimento — visto que este é um processo contínuo —, mas sim por indivíduos que alcançaram um grau suficiente de maturidade emocional. Essa maturidade envolve a capacidade de reconhecer o outro, tolerar diferenças e lidar com as frustrações na vida social. Nesse sentido, torna-se valiosa a oportunidade de os mais velhos dividirem suas experiências com os mais jovens.

Se, por um lado, os idosos podem não dominar todos os termos teóricos discutidos em um *paper* acadêmico, sua vivência complementa a teoria, retirando o conhecimento do papel e transformando-o em uma narração viva. É interessante notar que, do lado dos graduandos, há um interesse genuíno em ouvir o que os mais velhos têm a dizer, o que proporciona aos idosos um lugar de fala, de participação e de pertencimento. Além disso, os idosos também criam seus próprios grupos de convivência. Novamente, o 'cafezinho' cumpre uma função agregadora, configurando-se como um momento de descontração e partilha das dificuldades e aprendizados. Como discutido anteriormente, esse momento informal pode atuar como um espaço transicional, permitindo o descanso das exigências da realidade objetiva.

Fica evidente o apoio mútuo que os idosos oferecem uns aos outros, bem como a assistência que recebem dos mais jovens em relação a ferramentas ou assuntos que não dominam. Esse amparo os incentiva a não desistir diante das dificuldades e a enxergar os desafios acadêmicos de maneira mais leve e compartilhada, permitindo que participem das aulas sem o receio de preconceitos. Ocorre, assim, um despertar de memórias que permite aos graduandos se aproximarem das vivências de gerações anteriores. Essa receptividade tem início nas próprias falas dos professores, que destacam a importância dos alunos com mais de 60 anos e reconhecem que suas vivências enriquecem a dinâmica das aulas. Dessa

forma, evidencia-se que o conhecimento universitário não se adquire apenas por meio de livros e docentes, mas também pelas experiências de vida. O compartilhamento das memórias por aqueles que já enfrentaram inúmeros desafios atua como um testemunho valioso, capaz de ajudar as novas gerações a trilhar um caminho com maior perspectiva e esperança.

Considerações finais

Se por muito tempo a velhice foi sinônimo de uma fase da vida em que não há novos conhecimentos a serem aprendidos, as trajetórias dos participantes entrevistados oferecem indícios relevantes de que sempre há oportunidade de aprender e viver novas experiências. No entanto, por se tratar de um estudo qualitativo ancorado em três relatos, é preciso explicitar os limites metodológicos desta pesquisa: os achados aqui discutidos assumem um caráter exploratório e não permitem generalizar causalmente os efeitos do programa para toda a população idosa.

A partir dessas indicações exploratórias, nota-se que, para permitir que se viva a terceira idade de forma ativa, é importante a existência de ambientes que respeitem e acolham essas pessoas idosas. Dentro dos relatos, discutem-se as mudanças ocorridas com o avançar da idade — o corpo já não responde da mesma forma —, mas a sabedoria fornecida pela vivência possibilita contornar essas barreiras. A socialização que o programa oferece entre os idosos e as novas gerações atua como uma ferramenta potencial na construção de uma sociedade que entende e respeita os mais velhos.

Os indícios de acolhimento, pertencimento e vitalização narrados pelos participantes permitem levantar a hipótese de que a criação de mais espaços de *holding* é benéfica para o processo de envelhecimento. É apenas com a mudança de percepção sobre o que representa a terceira idade que construiremos uma sociedade que não tem medo de envelhecer e que enxerga a velhice não como a última fase da vida, mas como mais uma etapa que, assim como a infância e a adolescência, tem suas perdas e ganhos.

Dessa forma, aceitar a velhice, as mudanças no viver e os lutos inerentes a esse processo pode ser mais saudável quando o indivíduo tem um ambiente que permita experienciar a frustração e a agressividade, afetos

importantes para a aceitação da nova realidade objetiva. Como hipótese final, sugerimos que o programa USP60+ fornece aos seus participantes a possibilidade de exercer a criatividade perante a destrutividade dos acontecimentos que permeiam o 'longe-viver'.

Referências

Dias, E. O. (2000). Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. *Natureza Humana, 2*(1), 9–48. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302000000100001&lng=pt&nrm=iso

Fulgencio, L. (2016). *Por que Winnicott?* (D. Kupermann, Coord.). Zagodoni.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). *Projeção da população 2018: número de habitantes do país deve parar de crescer em 2047*. https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018-numero-de-habitantes-do-pais-deve-parar-de-crescer-em-2047

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: primeiro trimestre de 2023* [Indicadores IBGE]. https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Fasciculos_Indicadores_IBGE/2023/pnadc_202301_trimestre_caderno.pdf

Lemieux, A. (1990). Recherche fondamentale et recherche-action: Université du troisième âge: rôle des personnes âgées. *Gérontologie et Société, 55*, 115–120.

Loures, L. G. M. C., & Alencar, J. (2012). Universidades abertas da terceira idade. *Revista História da Educação, 9*(17), 119–135. https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/29204

Mucida, Â. (2010). Identificação e envelhecimento: do espelho que não se quebra e outros espelhos. *Revista Kairós-Gerontologia, 12*(Especial 5). https://doi.org/10.23925/2176-901X.2009v12iEspecial5p%p

Oliveira, P. S. (2005). O orvalho que vem do mar: singela homenagem a Ecléa Bosi. *Psicologia USP, 16*(4), 197–225. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642005000300010&lng=en&nrm=iso

Organização Pan-Americana da Saúde, & Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. (2023). *Contexto sociodemográfico e econômico do envelhecimento na América Latina*. https://doi.org/10.37774/9789275726839

Reis Filho, J. T., & Santos, G. de C. (2007). O desafio da clínica psicanalítica com idosos. *Psicologia Clínica, 19*(2), 45–55.

Rubio, K. (2004). *Memória e imaginário de atletas medalhistas olímpicos brasileiros* [Tese ou dissertação, Universidade de São Paulo].

Rubio, K. (2014a). Memórias e narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros. In K. Rubio (Ed.), *Preservação da memória: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos* (p. 236). Képos; Laços.

Rubio, K. (2014b). A experiência da pesquisa "Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros". *Acervo, 27*(2), 93–105.

Tarallo, R. dos S., Neri, A. L., & Cachioni, M. (2017). Attitudes of elderly persons and professionals towards intergenerational exchanges. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 20*(3), 421–429. https://doi.org/10.1590/1981-22562017020.160194

Veloso, R. C. (2020). *Trajetos entre alvoradas e crepúsculos: atleta e as muitas faces do mito do herói* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. https://doi.org/10.11606/T.39.2020.tde-13052021-142229

Veloso, R. C. (2022). A jornada da interpretação: das narrativas biográficas aos contos biográficos. In K. Rubio & W. D. de Almeida (Eds.), *Narrativas biográficas: reflexões e aplicação* (pp. 29–55). Laços.

Winnicott, D. W. (1975). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In *O brincar e a realidade* (J. O. de A. Abreu & V. Nobre, Trads., pp. 13–44). Imago. (Trabalho original publicado em 1971)

Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Artmed.

Winnicott, D. W. (1994). *Explorações psicanalíticas*. Artes Médicas.

Winnicott, D. W. (2021a). Algumas reflexões sobre o significado da palavra democracia. In *Tudo começa em casa* (pp. 93–104). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1950)

Winnicott, D. W. (2021b). Agressividade, culpa e reparação. In *Tudo começa em casa* (pp. 93–104). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1960)

Winnicott, D. W. (2021c). O valor da depressão. In *Tudo começa em casa* (pp. 82–92). Ubu . (Trabalho original publicado em 1963)

Submetido em: 08/08/2023
Revisado em: 30/09/202?
Aceito em: 04/10/2026